

Uma luta de galos?

CÁTIA FAÍSCO

Título: *Cock*. Texto: Mike Bartlett. Tradução e fotografias: Marco Mendonça. Encenação e direcção plástica: Daniel Gorjão. Interpretação: João Cachola, Luís Garcia e Maria Jorge. Figurinos: Catarina La Fera. Desenho de luz e direcção técnica: Sara Garrinhas. Montagem de cenário e apoio técnico: João Figueiredo Dias. Produção executiva: Mónica Talina. Comunicação: Showbuzz. Design: Madalena Martins. Local e data de estreia: Sala do Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico, Lisboa, 7 de Setembro de 2017.

Dois homens e uma mulher e um título que, numa primeira leitura, pode remeter para um universo falocêntrico. No entanto, *Cock* (2009)¹ envolve uma multiplicidade de sentidos e significados que apontam para a temática central da peça. Em 2011, numa entrevista à BBC, Mike Bartlett explicou que o nome para a peça surgiu durante uma residência de escrita no México, enquanto criava diálogos num café na Zona Rosa, conhecida por ser frequentada pela comunidade *gay*. A ideia de estar perante um país católico, a pensar acerca da sexualidade e com uma tradição de luta de galos, pareceu-lhe a combinação perfeita. O dramaturgo inglês, que sempre foi fascinado pelas metáforas desportivas e pela forma como se podem ligar ao teatro, viu na luta de galos uma metáfora para explorar na sua peça. *Cock* foi distinguida com o Prémio Laurence Olivier e teve estreia em Londres, no Royal Court Theatre, com a assinatura do britânico James MacDonald.

Quase dez anos depois, *Cock* tem a sua primeira apresentação em Portugal, sob a alçada de Teatro do Vão – Associação Cultural –, com a direcção de David Gorjão. Fundada em 2012, por David Gorjão, Teresa Tavares e Sara Garrinhas, a associação Teatro do Vão apresentou também recentemente *Júlia*, uma versão de *Menina Júlia*, de Strindberg, no São Luiz Teatro Municipal.

John, interpretado por Luís Garcia, é a única personagem com nome atribuído e é também sobre ele que recai todo o desenvolvimento da peça, já que é este que se confronta com a indecisão perante a vida que partilha com o seu companheiro. M, interpretado por João Cachola, revela-se uma

1 Mike Bartlett, «Cock», *Plays: 1*, Londres, Methuen Drama, 2011, pp. 245–341.

COCK, DE MIKE
BARTLETT, ENC.
DANIEL GORJÃO,
TEATRO DO VÃO
- ASSOCIAÇÃO
CULTURAL, 2017
(LUÍS GARCIA
E MARIA JORGE),
[F] JOÃO
GARRINHAS



personagem iminentemente exasperada pelo comportamento de John e pelo confronto em que este o coloca quando lhe diz que também está apaixonado por uma mulher. Esta personagem, a quem Bartlett atribui a letra W e que aqui é brilhantemente assumida por Maria Jorge, vem contribuir para o adensamento da teia dramática quando entra na disputa de quem ficará com John. Além da temática do amor e do desejo, a peça é muito mais do que a exploração do significado de ser homossexual ou heterossexual ou da necessidade de encontrar um rótulo onde encaixar socialmente. Bartlett consegue envolver o espectador nesta espécie de luta que é *Cock*, quando nos lança o repto da verdade individual, do significado do eu e essa é uma das maiores forças deste texto.

Em Lisboa, esperava-se uma tentativa de ver penas a voar em palco, de um combate (des)equilibrado ou de observar uma vontade de resgatar um vencedor e um derrotado. E embora o texto deixe, claramente, essa mesma premissa em aberto, a versão de David Gorjão é apenas uma abordagem branda a um universo que se apresenta mais denso e precisa de interpretações mais profundas. Maria Jorge (W), que numa primeira análise pode parecer uma personagem mais secundária, consegue segurar parcialmente o espectáculo, contornando o facto de qualquer um deles ser demasiado novo para interpretar as criações de Bartlett. A actriz domina o texto de uma forma que faz sobressair a tensão das palavras do dramaturgo e ganhar um ritmo que é perdido, na maioria das vezes, por Luís Garcia (John).

A sala do ISCTE é um espaço escondido, dentro de um espaço universitário, que não é muito fácil de encontrar. Esta procura e chegada ao local induz o espectador num tipo de ambiência que a peça não pretende retratar. Em *Cock*, as personagens têm uma vida profissional estabilizada e convivem com as suas escolhas de uma forma que parece não revelar qualquer

COCK, DE MIKE
BARTLETT, ENC.
DANIEL GORJÃO,
TEATRO DO VÃO
- ASSOCIAÇÃO
CULTURAL, 2017
(JOÃO CACHOLA,
LUÍS GARCIA E
MARIA JORGE),
[F] JOÃO
GARRINHAS



tipo de secretismo. Segundo David Gorjão, a escolha deste espaço não convencional foi propositada e teve como parâmetro um objectivo político. Ou seja, na sua perspectiva uma companhia só é reconhecida quando apresenta o seu trabalho num teatro como o São Luiz Teatro Municipal ou como o Teatro Nacional D. Maria II. Será que, se David Gorjão tivesse feito a escolha com base no mundo da peça e não na questão da validação externa, não teria resultados diferentes? Será que, com melhores condições de acolhimento, o espectáculo não poderia ter tido outro impacto?

A tradução, assinada pelo actor Marco Mendonça, é o ponto mais forte desta produção. Seguindo as palavras de Christopher Hampton², os melhores tradutores são aqueles que se mantêm o mais invisível possível e que, do seu ponto de vista, a melhor forma de traduzir é através de uma reprodução fidedigna daquilo que o dramaturgo quer dizer. Em *Cock*, Mendonça consegue, de uma forma exemplar, manter não só essa invisibilidade, como preservar o ritmo e a pungência da escrita de Bartlett. Do original, retirou apenas a personagem do pai (F) de M, que apareceria no dia do jantar para apoiar o filho no dia da decisão de John. No entanto, essa ausência não se revela significativa nesta sua adaptação. As personagens mantêm uma dialéctica vibrante, capaz de catapultar o público para a arena onde os galos se defrontam e encontrar nas suas palavras uma original aproximação à realidade discursiva portuguesa. Essa capacidade, produzida pelo talento do tradutor, representa, em vários momentos, o pilar de sustentação do espectáculo.

Na primeira página da peça, Mike Bartlett indica que o cenário deverá ser reduzido ao mínimo para que o público se possa concentrar no texto.

2 Brian Logan, *Whose play is it anyway?*, <https://www.theguardian.com/stage/2003/mar/12/theatre.artsfeatures>.

COCK, DE MIKE
BARTLETT, ENC.
DANIEL GORJÃO,
TEATRO DO VÃO
- ASSOCIAÇÃO
CULTURAL, 2017
(LUÍS GARCIA E
JOÃO CACHOLA),
[F] MARCO
MENDONÇA



Curioso constatar que anos de uma tradição teatral britânica assente no poder das palavras e da sua força em palco continua a fazer parte do guião de dramaturgos contemporâneos. Bartlett assinala, nesta peça, a vontade de continuar a criar imagens através dos diálogos, em vez de permitir que as mesmas sejam criadas através da cenografia. À semelhança da versão inglesa, David Gorjão segue claramente essa indicação ao conceptualizar um espaço onde o único cenário visível é uma parede coberta de um material dourado e três cadeiras onde os actores permanecem em entradas e saídas de cena. No entanto, as paredes douradas, que remetem para um universo estilístico festivo, e a vontade de ter um registo mais próximo da máxima *less is more* são uma escolha muito pouco interessante quando os actores parecem um pouco perdidos perante a ausência de outros suportes que não o texto. Juntando a opção plástica ao desenho de luz, há um arco que se constrói de uma forma irregular, perdendo o rosto das personagens que estão em palco, não permitindo decifrar se foi propositado ou accidental. Durante o jantar, momento em que John terá de decidir se quer ficar com a mulher (W) ou com o homem (M), há um momento afectivo-onírico em que a sonoplastia e as luzes de um baile em final de festa se juntam e resultam numa parceria feliz. Os três actores dão corpo a uma volúpia imaginada em que uma realidade partilhada pelos três seria um mundo melhor, harmonioso e sem discussões, onde as decisões deixariam de contar. Na banda sonora, «New York», de St. Vincent, a única música que está presente em todo o espectáculo e que não parece encontrar nenhum eco, além de «*you're the only motherfucker in the city who can handle me*».